

**A ACTIVIDADE EMPREENDEDORA NA FRONTEIRA
PORTUGAL-ESPANHA ALENTEJO- EXTREMADURA**

**Fernanda M. Policarpo, policarp@estgp.pt, Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal
Ricardo H. Mogóllon, ricardoh@arrakis.es, Universidade da Extremadura, Espanha**

ABSTRACT

Este trabalho tem como objetivo o estudo da incidência do efeito fronteira na atividade empreendedora das regiões de fronteira Portugal-Espanha, especificamente, do Alentejo e da Extremadura. Sendo importante para o desenvolvimento regional e até nacional, o relacionamento entre as regiões de fronteira, pelo seu afastamento dos centros de poder e decisão, bem como dos centros de maior comércio, apresentam-se como regiões deprimidas. A envolvimento territorial e as questões da proximidade tornam-se visíveis e pertinentes para uma melhor performance empresarial, logo interessa perceber se nestas regiões, as empresas estão cada vez mais a aproveitar sinergias resultantes da sua proximidade territorial ou se essa barreira representa algum afastamento.

Partindo da questão de base se “O efeito fronteira constitui, ou não, um fator de entrave ao empreendedorismo nas regiões do Alentejo e Extremadura” procuramos entender o efeito fronteira no empreendedorismo do Alentejo e Extremadura analisando os fatores potenciadores e caracterizadores do empreendedorismo, e comparando as realidades nacionais e regionais. Utilizando os dados do relatório GEM e do relatório EUROACE, foi possível aferir as diferenças e semelhanças entre essas realidades.

KEYWORDS: Efeito fronteira; Empreendedorismo; Desenvolvimento regional; Performance empresarial.

Introdução

Este artigo tem como objetivo o estudo da atividade empreendedora nas regiões de fronteira, especificamente da região Alentejo e da região Extremadura. Para esse efeito convencionou-se como região de fronteira o espaço constituído pelas regiões NUTS II Alentejo as províncias de Cáceres e Badajoz na região Extremadura.

A globalização, suscitada por processos de desregulamentação, liberalização e privatização e a crescente integração entre os países, desde o século passado, definiram diversas mudanças na economia internacional envolvendo fenómenos concorrenciais não só entre empresas mas também entre territórios. As barreiras que impediam um maior comércio entre os países do mundo foram, uma a uma, sendo ultrapassadas, e a integração e interdependência entre eles tornou-se cada vez mais evidente, traduzindo-se numa forte redução das fronteiras económicas.

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

Sendo importante para o desenvolvimento regional e até nacional, o relacionamento entre as regiões de fronteira, pelo seu afastamento dos centros de poder e decisão, bem como dos centros de maior comércio, apresentam-se como regiões deprimidas não se verificando um desenvolvimento tendente ao aproveitamento da sua proximidade (Jacinto, 1995). De acordo com Redford (2007), o empreendedorismo é o motor impulsor do crescimento económico de muitos países e, permite, não só a criação de novos empregos e novas indústrias, como também constitui uma fonte de inovação que permite a renovação de diversas organizações, instituições e, talvez, de países inteiros.

Cada vez mais se torna necessário criar na sociedade um ambiente mais favorável ao empreendedorismo, com base numa política integrada que tenha como objectivo não apenas mudar as mentalidades, bem como também melhorar as competências dos cidadãos e eliminar os obstáculos que dificultam a criação e o crescimento das empresas (Commission of the European Communities, 2006).

O desenvolvimento económico potenciado pelo empreendedorismo baseia-se em três pontos fundamentais que são a criação de empresas, a inovação e o aumento da concorrência (Wennekers e Thurik, 1999 e Karlsson, Friis e Paulsson, 2002). Neste artigo propomos a análise da criação de empresas numa região e a sua comparação com os países respectivos tentando entender se a criação de empresa acompanha o todo nacional. Por forma a caracterizarmos a atividade existente nessa localização e utilizando os dados do Relatório GEM e do Relatório sobre Empreendedorismo na EUROACE 2014 (<http://www.euro-ace.eu/pt-pt>), será feita uma análise da sua posição e uma comparação com os países respetivos.

EFEITO FRONTEIRA

Sendo uma temática clássica ganhou mais atualidade com o processo de globalização. As múltiplas definições de fronteira convergem, pelo menos, numa característica comum - o elemento político, embora a fronteira possa ter também um significado cultural, social e económico. Não esgotando a fronteira no seu sentido político, Cavaco (1997), numa perspectiva de carácter mais culturalista e abrangente, menciona que as fronteiras podem ser limite, barreira e linha de separação política mas fala também delas como lugar de contacto, encontro e de possível e desejável cooperação, em torno da qual se conjugam interesses,

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

esforços e estratégias de desenvolvimento e integração, nomeadamente, transnacional, inter-regional e interlocal. Seguindo o mesmo pensamento, Oliveira (2005) afirma que a “fronteira é um espaço bipolar e multiforme, um meio geográfico que exige uma quase necessidade de se transportar os seus limites [...] onde este ambiente plural transformou as fronteiras em territórios singulares. São singulares em relação ao território-nação e singulares entre si, já que cada fronteira é uma fronteira” (p. 380).

Do ponto de vista geográfico e político as fronteiras sempre foram vistas como barreiras, dificultando e impedindo os movimentos entre os Estados. Por isso, podem afectar negativamente as economias regionais uma vez que aumentam os custos de transacção, apresentam barreiras linguísticas, dividem as áreas de influência, impõem custos alfandegários e criam potenciais conflitos políticos e militares (Anderson & O'Dwod, 1999). Contudo, a existência de alguma permeabilidade nessas regiões, permite às populações explorar as diferenças entre os dois lados da fronteira, comparando os desiguais níveis de preços que sempre estimularam o comércio transfronteiriço entre Portugal e Espanha (Gaspar, 1996).

Haesbaert (2005) aborda em vários textos as suas reflexões relativas à multi-territorialidade num mundo cada vez mais globalizado onde se enfrentam duas forças antagónicas: por um lado o Estado-nação, onde a organização e soberania territorial é uma das principais razões de ser; por outro, as forças económicas globais, para as quais o esbatimento, e se possível o desaparecimento das fronteiras, se torna apetecível.

Lösch (1934) defendeu que as barreiras políticas produzem efeito idêntico ao aumento da distância entre duas áreas próximas.

Por seu lado a evolução tecnológica, pela construção de novas acessibilidades e novos meios de transporte e de comunicação, veio alterar a realidade territorial, servindo para encurtar distâncias e permeabilizar as regiões (Nijkamp, Rietveld e Piet, 1990). O resultado destas profundas alterações teve obviamente um tremendo impacto na redução do efeito barreira, pelo menos nos territórios dos países mais desenvolvidos, mas não o eliminou completamente.

Este processo progressivo de alteração das fronteiras político-administrativas, nomeadamente no espaço da Comunidade Europeia, teve em vista a livre circulação de pessoas, capitais e mercadorias, que hoje apontamentos são administrativos e não barreiras políticas, antes obedecendo a princípios de transparência. Essa evolução implica a modificação da perspectiva da defesa e segurança, a recuperação do modelo da livre

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

circulação de mestres e alunos, e o reconhecimento das solidariedades transfronteiriças que apoiam o modelo do mercado apoiado nessa componente, de onde deriva a livre circulação de mercadorias, de pessoas, e de capitais. Neste novo contexto, as regiões de fronteira que antes serviam para afastar países e sociedades com modelos políticos económicos distintos, podem assumir agora um novo protagonismo funcionando como regiões de ancoragem dos novos membros no território europeu (Pires, 2003). Esta posição é retratada em diversos estudos empíricos relativamente às trocas transfronteiriças de países como a Áustria, Alemanha e países Nórdicos com novos estados membros, referindo, contudo, a forte atracção dos novos investimentos pelas grandes áreas urbanas facto que, deste modo, contribui para o acentuar das desigualdades regionais (Petrakos, 1999; Tóth e Koronpai, 2000; Fath e Hunya, 2001; Blazek, 2003; Myant, 2003).

As regiões de fronteira em permanente perda, populacional e económica, são regiões periféricas com atrasos estruturais em termos sociais e económicos em relação á média das restantes regiões. Com reduzido número de centros urbanos de média dimensão e baixa densidade demográfica continuam a apresentar dificuldades em se afirmarem como centros regionais.

ACTIVIDADE EMPREENDEDORA EM PORTUGAL E EM ESPANHA

Para a caracterização da atividade empreendedora começamos por apresentar a componente demográfica fundamental para uma melhor perceção do contexto empresarial.

População

No final de 2012, a Península Ibérica tinha cerca de 57,2 milhões de habitantes, o que representa uma redução superior a 185 000 habitantes relativamente aos resultados dos Censos da População, realizados em Portugal e em Espanha no ano anterior.

Se procedermos a uma análise dinâmica e observarmos o crescimento populacional, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) Portugal apresentou na última década um crescimento de 2% da população (206 061 pessoas), quando na década anterior havia crescido 5%. Pelo Censos 2011, podemos verificar que o crescimento está relacionado fundamentalmente com um saldo migratório positivo de 188 652, uma vez que o saldo natural (número de nascimentos menos o número de óbitos) contribuiu com apenas 17 409 pessoas

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

para este crescimento. A população residente em Portugal, a 21 de Março de 2011, era de 10 562 178 pessoas, das quais 5 046 600 são homens e 5 515 578 são mulheres.

De acordo com o INE em relação à última década, Portugal continuou a perder população nos municípios do interior e a concentrar população nos municípios do litoral. O interior é muito penalizado pela grande importância que os fenómenos migratórios aqui assumem, responsáveis pela perda de população para o litoral. O litoral continua, assim, a revelar-se um maior foco de atração para as populações dada a sua localização geográfica, as acessibilidades e também as oportunidades profissionais que aí surgem.

Entre 2001 e 2011 verificou-se uma redução da população jovem (0-14 anos de idade) e da população jovem em idade ativa (15-24 anos) de, respetivamente 5,1% e 22,5%. Em contrapartida, aumentou a população idosa (com 65 anos ou mais), cerca de 19,4%, bem como o grupo da população situada entre os 25-64 anos, que cresceu 5,3%. Estes dados vêm confirmar não só a diminuição progressiva do peso relativo da população jovem no total da população, como o acentuar dessa tendência. De facto, com a crise económica, e o aumento da taxa de desemprego, não só o número de imigrantes permanente em Portugal tem vindo a diminuir, como as taxas de emigração da população portuguesa dispararam, criando assim uma situação de saldo migratório negativo em 2011 (INE, 2013). Estas alterações terão um impacto acentuado no número de jovens (portugueses e estrangeiros) dos escalões etários mais velhos, muitos dos quais em processo de inserção no mercado de trabalho, ou em processo de definição dos seus percursos profissionais. De forma geral os dados vêm confirmar um fenómeno já em curso desde meados da década de noventa do século passado: a progressiva e acelerada diminuição da população jovem nacional. Esta tendência confirmou-se nestes últimos censos, tendo a população portuguesa dos 15 aos 29 anos decrescido 21,3% entre 2001 e 2011. No mesmo sentido, assistimos à diminuição progressiva do peso da população jovem no conjunto da população geral portuguesa entre 2001 e 2011. Os jovens representam neste momento apenas 1/6 da população total geral.

Em Portugal, a proporção da população com 65 ou mais anos é, em 2011, de 19%. Este valor contrasta com os 8% verificados, em 1960, e com os 16% da década anterior. O índice de envelhecimento da população reflete também esta tendência. Em 2011 o índice de envelhecimento acentuou o domínio da população idosa sobre a população jovem. Sendo a região Alentejo uma das mais envelhecidas, com uma percentagem da população com 65 anos ou mais a rondar os 24,3% O envelhecimento da população representa um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas do século XXI. Este

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

fenómeno tem marcadamente reflexos de âmbito sócio – económico com impacto no desenho das políticas sociais e de sustentabilidade, bem como alterações de índole individual através da adoção de novos estilos de vida.

No que toca à distribuição dos jovens pelo território português, os censos de 2011 não apresentam grandes variações face aos de 2001, mas vêm confirmar tendências já em curso há algumas décadas, nomeadamente a consolidação da crescente urbanização e litoralização da população jovem e do processo generalizado de envelhecimento da população portuguesa em todas as zonas do país.

A taxa de crescimento da população em Espanha entre 2001 e 2011 foi de 14,6 %, claramente superior à registada em Portugal. Sendo de 46.815.916 habitantes, no final de 2011, divide-se em 49,6% homens e 50,4% mulheres. Até aos 50 anos esta percentagem é inferior nas mulheres invertendo-se a tendência a partir dessa idade. A principal causa de aumento populacional em Espanha, nesta última década, deveu-se ao aumento da população estrangeira.

A Extremadura tem uma população de 1,1 milhões de habitantes, o que representa 2,4% do total da população espanhola, tendo apresentado um crescimento de 4,3%, um dos mais baixos do país.

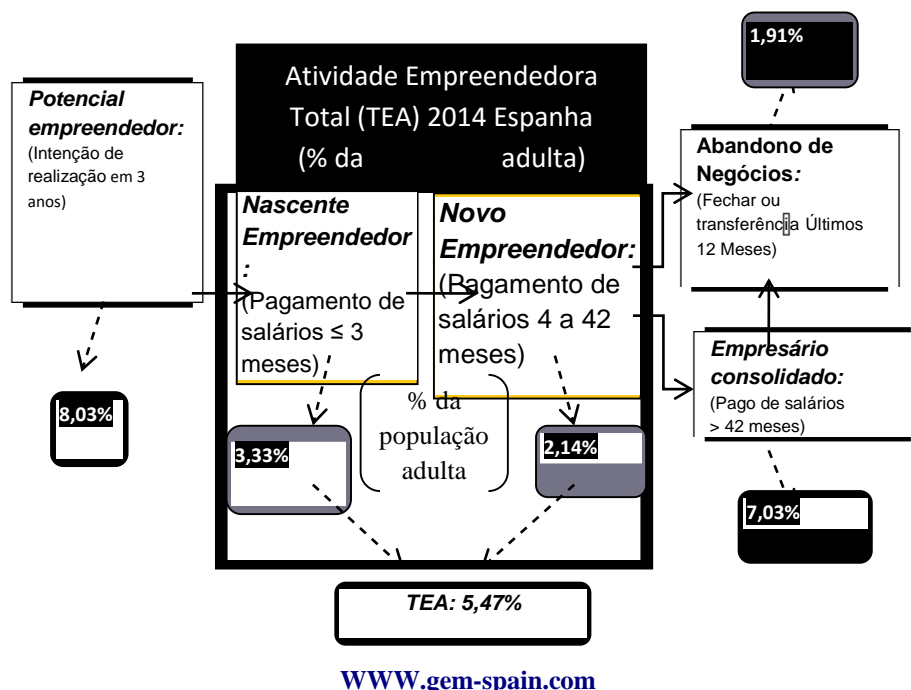
Com um aumento da esperança de vida desde o censo anterior e com um incremento da taxa de natalidade muito dos estrangeiros adquiriram nacionalidade Espanhola durante este período.

Já quanto à taxa de mortalidade infantil, os dois países registaram em 2012 valores muito próximos: 3,4 ‰ em Portugal e 3,5 ‰ em Espanha.

Atividade Empreendedora

A evolução tecnológica e a inovação empresarial, foram as principais formas de evolução da civilização ao longo da história. Atualmente, o novo cenário de atuação dos agentes económicos têm o espírito empreendedor e a cultura de inovação como referências. Contudo a inovação toma sentido quando materializada em projetos reais. Devendo os empreendedores ser capazes de converter essas inovações em empreendimentos capazes de fazer crescer a economia.

Figura 1. Processo Empresarial em Espanha



Depois de uma quebra ligeira em 2013, a Taxa de Atividade Empreendedora (TEA) em Espanha cresceu em 2014 de 5,2 para 5,4%. Esta taxa mede as iniciativas empreendedoras com menos que três anos e meio (42 meses) de presença no mercado, sobre a população entre 18 e 64 anos. O pequeno crescimento da TEA espanhola decorre principalmente do aumento de novos empreendedores ou de pessoas envolvidas no arranque de novos negócios.

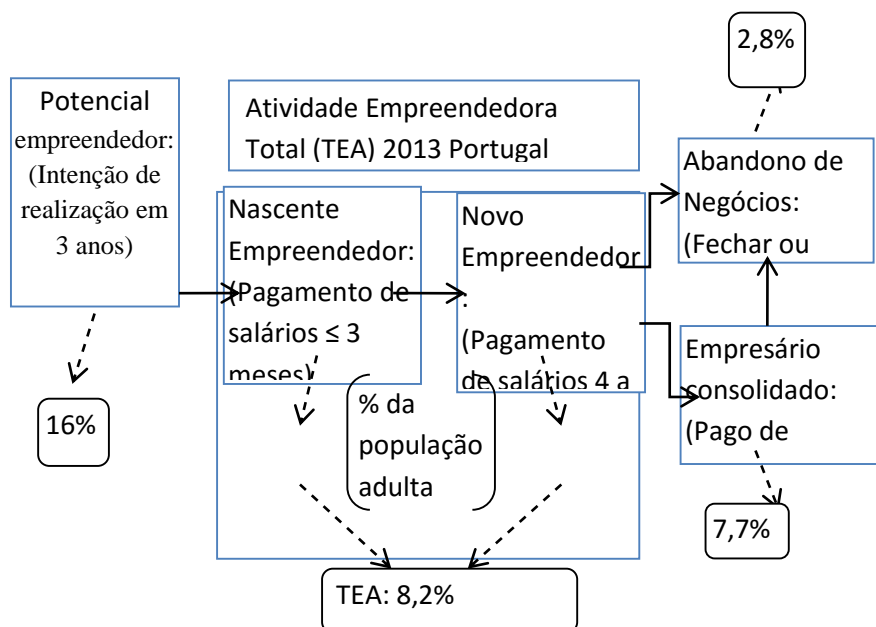
Destaque-se que desde 2011 os níveis de atividade empreendedora variaram entre os 5,1% e os 5,8%, o que mostra uma certa estabilidade na capacidade empreendedora dos espanhóis, apesar das condições adversas. No entanto, estes valores são inferiores aos observados antes do começo da crise económica, entre 2006 e 2008, quando o índice TEA chegou a ultrapassar os 7%. Os valores atuais colocam a Espanha abaixo da média europeia, ainda que acima de países como a Itália, Alemanha, França e Bélgica.

Se se considerarem as razões pelas quais as pessoas decidiram iniciar um projeto de negócio, mais que 65% da TEA de 2014 corresponde a empreendedores por oportunidade, enquanto quase 30% são empreendedores por necessidade. A crise teve efeitos na motivação para empreender, visto que desde 2009 o peso de quem criou um negócio por necessidade aumentou continuamente até quase duplicar, estando este valor em Espanha 12 pontos acima da média dos países impulsionados pela inovação. Pelo contrário, o empreendedorismo resultante de

oportunidades tem descido desde 2009 - quando atingia 80% da TEA - chegando a perder 15 pontos percentuais.

O aumento do empreendedorismo por necessidade tem consequências na tipologia dos novos negócios, que são na sua maioria são pouco inovadores e ambiciosos. O perfil tipo das novas iniciativas é uma pequena empresa (1 a 3 empregados) que presta serviços a clientes locais e não tem uma ambição forte de crescimento. Sete em cada dez novas empresas concentram-se no setor dos serviços, seis em cada dez não têm nenhuma orientação inovadora, e sete em cada dez mostram não ter vocação internacional durante os seus primeiros 3-4 anos de existência.

Figura 2. Processo Empresarial em Portugal



WWW.gem-portugal-2013-final-1437125303

Em 2013, Portugal registou uma Taxa TEA de 8,2%, o que significa que existem no país cerca de oito empreendedores early-stage (indivíduos envolvidos em start-ups ou na gestão de novos negócios) por cada 100 indivíduos em idade adulta. Em concreto, verificam-se dois momentos distintos de evolução da atividade empreendedora em Portugal, entre 2004 e 2010 observou-se um período de alterações intensas ao nível da TEA, de 2011 a 2013 constatou-se, por oposição, uma estabilização dos seus valores.

Em 2013, verificou-se uma taxa de empreendedorismo de negócios estabelecidos de 7,7%, o que significa que, em Portugal, existem cerca de oito empreendedores estabelecidos (indivíduos proprietários e envolvidos na gestão de um negócio com mais de três anos e meio) por cada 100

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

indivíduos em idade adulta. Tendo presente o valor da taxa TEA registada para Portugal em 2013 (8,2%) é possível concluir que não existe grande diferença entre ambas, indicando que a maioria dos negócios consegue chegar aos três anos e meio de vida.

Em Portugal, 1,7% da população adulta desistiu de um negócio nos 12 meses anteriores à realização da sondagem, tendo a continuidade do mesmo sido interrompida. Por outro lado, 1,1% da população adulta afirmou ter desistido de um negócio, no mesmo período, tendo esse negócio permanecido ativo.

ACTIVIDADE EMPREENDEDORA NAS REGIÕES SELECCIONADAS

As características demográficas neste espaço são condicionantes do número e do tipo de projetos existentes daí a necessidade de iniciarmos este capítulo pela sua caracterização.

População

Em Espanha e particularmente na região da Extremadura, a população idosa ultrapassa também a população jovem. As províncias de Cáceres e Badajoz apresentam todavia uma realidade distinta: enquanto a província de Cáceres apresenta uma estrutura da população mais semelhante às regiões portuguesas, com um maior peso da população idosa, Badajoz tem um índice de envelhecimento de apenas 97%. Badajoz é a única NUTS III, das sub-regiões do espaço fronteiriço em análise, a apresentar um saldo natural positivo uma vez que a sua população jovem é ainda superior à população com 65 ou mais anos. Neste estudo pretende-se analisar as realidades da Região Alentejo e da Região Extremadura, enquanto regiões pertencentes à raia ibérica, analisando ambos os lados da fronteira com o objectivo de encontrar, entre si, elementos de complementaridade por um lado e de concorrência por outro. Este confronto permite ainda concluir se estas duas regiões constituem um espaço ibérico contínuo ou com especificidades próprias. Para este efeito convencionou-se como região de fronteira o espaço constituído pelas regiões NUTS II do Alentejo e as províncias de Cáceres e Badajoz na Extremadura. No Alentejo somente a sub-região Alentejo Litoral não é território de fronteira com Espanha. Sendo assim, 81% da área do Alentejo é ocupada pelas NUTS III do interior que figuram do espaço fronteiriço (Alto Alentejo, Alentejo Central e Baixo Alentejo) e que passaremos a designar por Alentejo Interior. Do lado espanhol, a Extremadura ocupa uma área de 41.634 Km², superior ao conjunto das regiões portuguesas NUTS III de fronteira do Alentejo, que representa 8% do território espanhol e na qual reside apenas 2,4% da população do país. Ao nível regional e infra-regional a característica mais

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

marcante no retrato demográfico do espaço fronteiriço formado pelo Alentejo - Extremadura é, sem dúvida, o envelhecimento da população que condiciona, cada vez mais, o crescimento populacional futuro destas regiões.

No caso português a região Alentejo interior ocupa uma área de 24% do território Português e na qual reside 6% da população portuguesa. À parte destas especificidades, de natureza supra-regional, iremos encontrar bastantes afinidades entre a forma de organização do Alentejo e da Extremadura.

De facto, a densidade populacional apresenta níveis consideravelmente próximos no Alentejo Interior e na Extremadura. Este fenómeno é bastante caracterizador das zonas fronteiriças pois são regiões localizadas no interior dos seus países, mais periféricas e afastadas dos centros de decisão, o que contribui muito para a sua crescente desertificação. Para além disso, esta fraca dinâmica populacional está, intrinsecamente, relacionada com a existência de poucos centros urbanos nestas regiões. Se seguirmos a fronteira de norte para sul (do Minho ao Algarve) verifica-se que quer do lado espanhol, quer do lado português, não existem muitos centros urbanos. Sobretudo cidades muito próximas da linha de fronteira pois apenas Elvas e Badajoz estão a menos de 10 km, em linha recta, todas as outras se encontram mais afastadas. No Alto Alentejo, Portalegre (24 973 hab. e capital de distrito) fica a cerca de 100 km (por estrada) de Cáceres, o que ainda é significativo para um contacto de elevada frequência. Porém, aquela cidade portuguesa, conjuntamente com Elvas (23 087 hab.), é polarizada por Badajoz (150,376 hab.), em termos de comércio e serviços, essencialmente os de saúde. Esta polarização de Badajoz, a nível de comércio e serviços, é notória e lógica pela sua extrema proximidade a Elvas. No caso de Portalegre, Évora compete com a cidade espanhola a nível de serviços, com a vantagem da língua, que ainda constitui, de certa forma, um obstáculo quando se trata de serviços mais complexos, como a saúde. Na linha de fronteira que constitui o Alentejo Central e o Baixo Alentejo, do lado espanhol não existem cidades de dimensão significativa. Desta forma, Évora (54 780 hab.) e Beja (34 387 hab.) são os centros mais importantes, quer de Portugal, quer do sul da província de Badajoz e norte da província de Huelva.

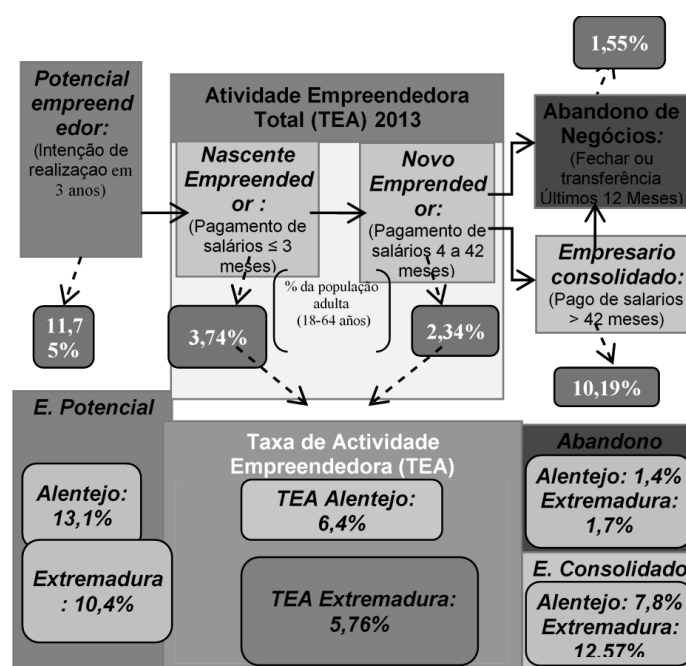
Este fenómeno é bastante caracterizador das zonas fronteiriças pois são regiões localizadas no interior dos seus países, mais periféricas e afastadas dos centros de decisão, facto que contribui muito para a sua crescente desertificação. Para além disso, esta fraca dinâmica populacional está, intrinsecamente, relacionada com a existência de poucos centros urbanos

nestas regiões. Em 2012, o Alentejo era a região ibérica (NUTS II) com maior percentagem de população idosa (65 e mais anos) 23,9 %.

Atividade Empreendedora

A importância do empreendedorismo para o crescimento económico tem vindo a tornar-se incontestável, possivelmente fomentado pela crise e como parte da solução, contribuindo para o aumento da competitividade dos diversos sectores económicos, assim como para a criação de emprego e desenvolvimento social.

Figura 3. Processo Empresarial na Euro região Alentejo e Extremadura



www.gobex.es

Com base no Relatório sobre Empreendedorismo na EUROACE 2014, podemos verificar que a região Alentejo apresentou uma taxa de iniciativas empreendedoras (TEA) de 6,4% enquanto a Extremadura apresentou 5,76%. Para além disso, as pessoas que durante o último ano abandonaram uma atividade empresarial representam 1,7% da população adulta na Extremadura e 1,4% no Alentejo.

Os potenciais empreendedores, que manifestaram a intenção de lançar um negócio nos próximos três anos, representam 11,75% da população adulta, enquanto o grupo de empresários consolidado apresenta 10,19%. As duas regiões apresentam bons índices de potenciais empreendedores. O Alentejo é a região que mostra a maior intenção empreendedora com 13,1% de sua população adulta, apresentando a Extremadura 10,4% de intenção. Por outro lado a

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

Extremadura é a região que apresenta um maior número de empresas consolidadas, com 12,57%, frente aos 7,8% do Alentejo. Quanto às pessoas que no ano anterior abandonaram a atividade empresarial, somaram 1,55% da população adulta, registando a Extremadura uma taxa de 1,7% e o Alentejo de 1,4%).

O índice TEA, ou seja, o número de pessoas entre 18 e 64 que exercem uma atividade empresarial que ainda não completou três anos e meio, revela que 6,08 % da população adulta estava envolvida em atividades empreendedoras na Euro região Alentejo e Extremadura. O Alentejo é a área que apresenta a maior TEA destas duas regiões com 6,4% das pessoas, enquanto a Extremadura, com 5,76% é a região que apresenta a taxa mais baixa. Contudo, em relação ao abandono da atividade empresarial, a Extremadura e o Alentejo registam as maiores taxas de abandono 1,7% e 1,4%, respetivamente. Na região a maioria dos negócios são criados com um só sócio (62,53%), principalmente nos setores orientados para o consumidor (61,67%) ou em serviços a empresas (17,1%), empregando o próprio empresário ou menos de cinco trabalhadores. Esperam criar entre um e cinco postos de trabalho ao fim de cinco anos (41,33%), a maioria (61,03%) não são inovadores, e muito menos o são quando se consolidam (83,16%). Esperam alguma ou muita competição (77,1%), utilizam tecnologias que têm mais de um ano (81,84%) e, em geral, mais de metade não costuma exportar. Contudo, no Alentejo 56% exportam, enquanto na Extremadura só 18,3% o faz.

De acordo com os especialistas, as condições para empreender nestas regiões não são favoráveis. Das 16 condições para empreender analisadas, somente 5 mantêm valores positivos e são elas: o interesse pela inovação; a motivação para empreender; o acesso à infraestrutura física; o apoio a negócios de alto crescimento; o apoio à mulher empreendedora. Quanto aos fatores que criam entrave à atividade empreendedora são apontados: a falta de apoio financeiro, as normas culturais e sociais; as políticas governamentais. Por outro lado, os fatores que mais favorecem a atividade empreendedora são: a educação e formação; a crise económica; os programas e políticas dos governos; as normas sociais e culturais.

Comparando a Região em análise com os restantes países europeus baseados na inovação, verifica-se que, com níveis ainda não aceitáveis, em relação à educação e formação empreendedora superam as outras regiões. O Alentejo na transferência de I&D e no apoio ao financiamento. A Extremadura, apesar de não ter uma avaliação positiva, apresenta um valor superior ao resto dos países baseados na inovação no que diz respeito às políticas e programas de governo regional para o empreendimento, embora seja claramente prejudicada na perceção de oportunidades, na motivação para empreender e no apoio ao financiamento.

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

A Extremadura regista a pior a taxa de real de abandonos, pois 81% dos seus encerramentos continuaram sem nenhuma atividade, face aos 66,6% do Alentejo.

A desagregação da taxa de atividade empreendedora em iniciativas emergentes e em novas iniciativas, dá uma perspetiva sobre a sustentabilidade da atividade empreendedora. As regiões em estudo apresentam percentagens relativas, para os empresários emergentes em relação ao total, bastante idênticas. Considerando a comparação com os países Espanha e Portugal, a Euro região apresenta taxas intermédias. Assim tem valores superiores a Espanha e inferior a Portugal. Enquanto país, Portugal regista quase o mesmo valor em novos empreendedores e como empreendedores emergentes, em Espanha, a relação de empresário novo face ao emergente é de 0,71.

Por outro lado, constata-se que a situação do Alentejo face ao país Portugal é desfavorável, uma vez que apresentam menores taxas empreendedoras. No caso dos empreendedores nascentes constata-se que no caso do Alentejo a diferença é mínima. No entanto, os rácios de novas empresas/emergentes está longe da média nacional, 0,65, o que significa que o novo tecido empresarial que consegue consolidar os negócios é muito menor.

O caso da Extremadura em comparação com a média espanhola, é diferente da região portuguesa, uma vez que os valores da Extremadura são maiores que todo o conjunto da Espanha. A sua TEA é maior porque o número de iniciativas emergentes também é maior (3,66% contra 3,09%), enquanto é quase igual nas novas empresas (2,1% vs 2,2%).

CONCLUSÃO

A realidade marginal da fronteira, face aos centros de inovação e decisão política e económica, condiciona as realidades de desenvolvimento locais. A procura de cooperação institucional dos atores formais e os moldes como esta é implementada com o “outro lado” surge, essencialmente, como uma possível forma de ganhar massa crítica, para aceder a realidades mais compatíveis com os padrões nacionais. Não obstante a existência de uma barreira política, o facto de populações de países diferentes viverem tão próximas propicia várias formas de contactos informais, e mesmo formais, fundamentalmente centrados no comércio, que beneficiam as partes, devido às assimetrias quase sempre existentes entre um e o outro lado, em termos de variedade e qualidade de produtos, do desequilíbrio cambial e da maior capacidade económica de um dos países confinantes.

As regiões de fronteiras analisadas são um poderoso fator de alavancagem do desenvolvimento económico e um espaço privilegiado de cooperação e interação para as economias dos dois

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

países. Evidenciando cada vez mais, interesses e estratégias comuns no quadro de desenvolvimento de ambos os territórios.

O panorama das relações económicas entre o nosso país e as diferentes Comunidade Autónomas mudou radicalmente, nomeadamente na zona fronteiriça, após a adesão simultânea dos dois países à Comunidade Económica Europeia em 1986. De um isolamento quase total entre os dois países, iniciou-se uma fase de grande dinamismo nos negócios entre Portugal e Espanha, duas economias vizinhas com um elevado grau de abertura ao exterior e que viram o seu nível de vida e poder de compra aumentar significativamente desde essa altura. As trocas transfronteiriças, que então eram praticamente inexistentes, representam atualmente mais de 40 por cento das exportações portuguesas para Espanha e mais de 30 por cento das compras de Portugal em Espanha.

Por outro lado, o crescente interesse pela dinâmica económica das regiões transfronteiriças demonstra que estas constituem importantes portas de entrada.

São fatores determinantes para a atividade empreendedora transfronteiriça e que geram dificuldades, as normas culturais e sociais, as políticas governamentais e o acesso a infraestruturas físicas. São por outro lado apontados, como fatores que facilitam a atividade empreendedora, as normas culturais e sociais, a abertura ao mercado e o acesso a infraestruturas físicas.

A região Alentejo face ao país Portugal apresenta menores taxas empreendedoras, em relação aos empreendedores nascentes a diferença é mínima, contudo, os rácios de novas empresas/emergentes está longe da média nacional, significando que o novo tecido empresarial que consegue consolidar os negócios é muito menor. A Extremadura apresenta uma TEA maior que a TEA nacional porque o número de iniciativas emergentes também é maior (3,66% contra 3,09%), enquanto é quase igual nas novas empresas (2,1% vs 2,2%).

Como recomendações para melhorar, nesta região, a atividade empreendedora, o apoio financeiro às empresas, as políticas e programas governamentais, a formação do empreendedor, a transferência de tecnologia, o impulso da capacidade empreendedora e a mudança de normas culturais e sociais.

XVII SEMINÁRIO LUSO-ESPANHOL DE ECONOMIA EMPRESARIAL SL3E'15

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, J. e O'Dwod, L. (1999), "Borders, Border Regions and Territoriality: Contradictory Meanings, Changing Significance", *Regional Studies*, Vol.33.7, pp.593-604.
- Blazek, J (2003), "Forthcoming Accession: an outline of impacts in the sphere of regional development and regional policy in the Czech Republic", forthcoming in *European Spatial Research Policy*, nº1.
- Cavaco, C. (1997), "Fronteira Portugal-Espanha e individualidade territorial", in *Finisterra: revista Portuguesa de Geografia*, Vol. 32, nº 63, pp.159-166, CEG, UL, Lisboa.
- Fath, J. e Hunya, G. (2001), "Cross-Border economic co-operation on present and future EU borders, a summary of findings", *Enlargement Research Bulletin*, Issue nº2.
- Franke, N. e Luthje, C. (2003), "The "Making" of an Entrepreneur: Testing a Model of Entrepreneurial Intent among Engineering Students at MIT", *R&D Management* 33, Issue 2, 135-147.
- Heinonen, J., Poikkijoki, S. e Vento-Vierikko, I. (2007). "Entrepreneurship for bioscience researchers: A case study of an entrepreneurship programme", *Industry and Higher Education*, 21, (1), 21-30.
- Haesbaert, R. (2005), "DA DESTERRITORIZAÇÃO À MULTITERRITORIALIDADE", *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina* – 20 a 26 de Março de 2005 – Universidade de São Paulo
- INE (2014) "Resultados Definitivos Censos 2011 - Portugal, Instituto Nacional de Estatística", Lisboa
- Jacinto, R. (1995), "As Regiões Portuguesas de Fronteira: Perspetivas de Desenvolvimento e de Cooperação Transfronteiriças", *Cadernos de Geografia* nº14, F.L.U.C., Coimbra.
- Gaspar, J. (1996), "Planeamento transfronteiriço e desenvolvimento regional do sudoeste comunitário" in *Acta, ponencias y comunicaciones, VII Colóquio Ibérico de Geografia*, Cáceres, pp. 399-410.
- Myant, M. (2003), "EU accession and Czech regional differences", *comunicação apresentada à Conferência da RSA Reinventing regions in the Global Economy*, 11 – 15 April 2003, Pisa.
- Nijkamp, P, Rietveld, I e Piet, S, (1990, "Barriers in spatial interactions and communications – A conceptual exploration, in: The annals of regional science", *Bellingham* – vol. 24, nº 4, pp. 237-252 Boston.
- Oliveira, T. (2005), "Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos; in *Território sem limites*", pag. 377-408, Campo Grande, editora da UFMS
- Petrakos, G. (1999), "Patterns of regional inequalities in transition economies", *comunicação apresentada na Conferência Regional Potentials in an Integrating Europe*, 18-21 Set, Bilbao.
- Pires, I. e Teixeira, J. (2003), "Portuguese border regions: will they be able to adapt to aglobal economy?.", *Comunicação apresentada Conferência da RSA, Reinventing regions in the Global Economy*, 11 - 15 April 2003, Pisa.
- Karlson, C., Friis, C., Paulsson, T. (2002), "Entrepreneurship and Economic growth: A critical Review of empirical and theoretical research", *International Business School, Jönköping*, Sweden
- Reigado, F. (2002), "Desenvolvimento Regional Transfronteiriço", *Compêndio de Economia Regional*, Coleção APDR, pp.571-596 Lisboa.
- Tóth, L. e Korompai, A. (2000), "On the competitiveness of a frontier region along the eastern border of the European Union – the West-Pannon Euroregion", *RSA International Conference EU Regional Policy, Progress, Problems and Prospects*. 14-15 September, Aix en Provence, França.
- WwnneKers ThuriK (1999), "Small business economics", *Klumer Academic Publishers*, Nº13 pp.27-56, Holanda.
- <http://www.gemconsortium.org/country-profile/100>
- www.portalegredigital.biz/pt/conteudos/territorial/Caracteriza%20a7%20do%20Distrito/Distrito_de_Portalegre.htm
- www.gobex.es